

Os negros do Cafundó

Descendentes de escravos vivem ainda isolados numa vila, preservando hábitos do século passado e mantendo-se longe dos "cafombi" que querem tirar suas terras

A 130 quilômetros de Campinas, 60 descendentes de escravos africanos vivem isolados, numa propriedade rural do município de Salto de Pirapora, como se vivessem no século 19. Falam de um dialeto próprio, trazido pelos avós vindos de Angola, plantam só o suficiente para sobreviver, moram ainda em algumas casas de pau a pique — construídas há mais de 60 anos — tomam banho no riacho, fazem farinha de milho e de mandioca no pilão, vivem sem energia elétrica (algumas crianças nunca viram televisão) e quando seus parentes morrem, carregam o defunto nas costas por 12 quilômetros até chegar no cemitério.

Até há cinco anos atrás — quando foram descobertos pela imprensa e por estudiosos (até a Unesco fez pesquisa com os africanos do sítio de Cafundó) — não aceitavam "cafombi" (gente branca) em suas terras. Agora, aproveitam das visitas curiosas para pedir dinheiro, mas em compensação já perderam 99% de suas terras — doadas pelo "senhor" a três escravos libertados — para as empresas de reflorestamento que cada vez mais arastam a cerca de suas propriedades, "espremendo" os africanos em seu canto, com ajuda da polícia.

"Descoberta" de Cafundó tirou sossego

A "cidade" dos africanos fica bem escondida. São 12 quilômetros do centro de Salto de Pirapora — que fica a 20 quilômetros de Sorocaba. A poeira branca da estrada de terra invade o ar e quase esconde a placa preta escrita em branco: "Cafundó".

com uma flecha torta indicando o caminho. Há uns cinco anos, os negros dali viviam tranquilos, sem perturbações, comemorando a tradicional festa de Santa Cruz, em 3 de maio, cantando para seus mortos, rezando todas as manhãs para agradecer a noite dormida nas desconfortáveis camas de palha.

Hoje, depois que a imprensa e estudiosos descobriram o "esconderijo", não tiveram mais sossego. Dita Perez, por exemplo, é a negra mais velha do grupo, com 89 anos de Cafundó, e se incomoda muito de ter que conversar com repórteres e detesta tirar fotografias. "Quando a gente precisa de foto, vai na cidade é um dinheirão. Vocês vêm aqui e querem ir tirando foto da gentel", reclama a velha, a caminho do ninho das galinhas, para recolher os ovos do dia.

Mas ao contrário dela, o líder do grupo, Otavio Caetano, aos 62 anos, aprendeu rapidamente a aproveitar-se das visitas curiosas. Ninguém sai sem "chumbo". Quem quiser informação sobre a vida estranha que levam ali, sem energia elétrica, tomando banho no rio aproveitando a luz das lamparinas e fogão de lenha catada na redondeza, tem que pagar. "Eu converso com vocês até de noite se me pagarem qualquer coisa", comenta humilde sugerindo depois que Cr\$ 1.500,00 ou Cr\$ 2.500,00 resolveriam o problema.

Habitantes se escondem de visitantes

Só de ver gente estranha, a "cidade" fica deserta. As pessoas entram nas poucas casas, até as crianças so-

mem e os homens continuam trabalhando na roça ou na construção das casas novas que estão fazendo, para substituir as antigas de pau a pique. Cachorro tem bastante, todos são magros e ficam estendidos ao sol. Nem brincar se atrevem. O maior movimento é feito pelas galinhas e seus pintos que correm de um lado para outro, batendo asas; o maior barulho fica por conta das cabras espalhadas pela plantação. Os porcos ficam presos e o único coelho é guardado numa armadilha longe do chão, que o mantém branquinho.

Nos caminhos estreitos entre uma casa e outra, cheios de poeira e sujeira de galinha e gente, são rodeados de bananeiras com cachos enormes de fruto ainda verde. As hastes de mandioca arrancada — aguardando terra arada para o próximo plantio — ficam escondidas do sol e da chuva sob um tapume de madeira velha.

As casas que ainda são feitas de barro e troncos finos de árvore, amarrados fortemente por cipó, parecem mais barracos das favelas de

periferia. São pobres e, o frio e a chuva entram pelo telhado — que tentam salvar sobrepondo telhas velhas ou folhas de bananeira e palmeira.

Os cômodos são estreitos e mal divididos. Os móveis são amontoados e encostados nas paredes para sobrar mais espaço.

A cozinha é estranha: num canto o fogão à lenha, noutro as prateleiras de tábua surrada com caldeirão de ferro e três pezinhos, parecidos com aqueles das histórias de bruxaria.

Dependurado na parede, um ralador de mandioca feito com lata furada com prego e presa num pedaço de pau. O pilão fundo é para "bater" o milho e a mandioca, que vão virar farinha — prato preferido dos africanos netos de escravos — e a mescula, uma pá enorme de madeira, serve para mexer a comida no tacho. Feijão, arroz, milho, mandioca, abóbora e batata estão sempre a disposição na despensa

ou ainda no campo. É só ir pegar, cozinhar — com água, da vertente, que fica a 25 minutos — indo à pé e comer.

Nas casas novas, de tijolos, o chão é de cimento batido, as portas são trancadas à chave e os vitros são de "correr", com gancho especial para esticar uma cortina que nunca foi idéia colocar ali. As lamparinas já são modernas — dessas usadas em camping — e o fogão a gás. A casa equipada assim, toda pintada de branco, é exatamente de quem mais reclama que os tempos mudaram muito.

E o cantinho da Dita Pires, a negra mais velha do grupo, que não se conforma das festas tradicionais de Santa Cruz não serão tão animadas como antigamente.

Da última festança, por exemplo, ainda restam a capelinha enfeitada com bandeirolas coloridas, imagens de Nossa Senhora e de Cristo e um tablado de tábua nua, onde fizeram leilão. O mastro, um pouco baixo, ainda

mostra a bandeirinha branca e vermelha com um "Salve 81" escrito em cima.

E nessas festas, eles vão até de madrugada



dançando samba "desgrudado". Nada de dançar abraçado quando tocam o bumbo, o pandeiro e o chocalho, feito com bico de regador cheio de milho.

Agora, só 60 contra os cafombi

Antigamente os "cafombi" eram proibidos na área dos negros africanos, que faziam de um pedaço de chão, no município de Salto de Pirapora, a própria África. Os "cafombi" são os brancos, no dialeto de Angola, que até hoje usam, para conversar sem ninguém entender o que falam. As famílias negras dos Pires e Caetano vivem no sítio Cafundó há quase 200 anos — desde que foi dada a liberdade aos escravos — mas dos 2,5 mil alqueires que os irmãos Inácio, Antonia e Efigênia ganharam do "senhor", somente sobram uns oito. O resto foi invadido pelas empresas de reflorestamento, que foram cercando tudo, com a ajuda da polícia.

Do tempo dos escravos herdeiros, pouca coisa restou na paisagem, a não ser algumas casas de pau-a-pique que resistem ao tempo,

apesar dos 60 anos de construção, utensílios domésticos diferentes e uma vida calcada nas tradições africanas. Mas das 75 pessoas — todas parentes entre si — que há cinco anos habitavam o Cafundó, muitas foram embora ganhando para terceiros.

Agora, contando com as crianças que nasceram neste meio tempo, são uns 60 plantando para comer, lutando para não perder o direito de usucapião das terras.

Falam orumbongue, para dinheiro, citam os tata e as angutu, que são homens e mulheres. Chamam as camanacos e as crianças atendem ao chamado. Numa

conversa do líder Caetano com os companheiros, algumas palavras foram gravadas mais fortemente: mucanda, cuenda e cossumba. Ele estava contando que havia uma angutu (mulher) fazendo uma mucanda (reportagem, leitura) e que ela estava cuenda (chegando) de fora e queria cossumba (escutar) algumas palavras no seu dialeto.

Nessa hora, as mulheres do grupo estavam nas injós (casas) e Otávio Caetano pensando no orumbongue (dinheiro) que iria pedir aos repórteres.

Portugues só para falar com brancos

Os africanos de Salto de Pirapora, falam em seu dialeto próprio — que eles nem sabem o nome — "de manhã até de noite", como explicam querendo dizer que não precisam do Português para trocar idéias. Aliás, só foram obrigados a aprender a fala dos brasileiros para poder trabalhar na casa dos brancos e prestar serviços avulsos a terceiros. Se não fosse por isso, até agora, a então fechada comunidade de negros, só conversaria no seu dialeto, que seu povo em Angola usa há um século.

No Cafundó, quem morre é de velhice

Há sete anos morreu a última escrava herdeira das terras do Cafundó. Morreu Efigênia com 104 anos e deixou para os descendentes seu conhecimento de medicina caseira. Ninguém sofre por muito tempo de dor de barriga ou pontada e as crianças "lombrigadas" não demoram a sarar. Os chás de erva são milagrosos e os africanos não trocam por remédio nenhum dado por médico profissional.

Erva cidreira, erva doce, espilina, jarrinha



e laranjinha "cortam" sob os cuidados dos mais velhos, hoje foram proibidos, por uma questão de higiene e de precaução, caso ocorra qualquer imprevisto na hora do nascimento do bebe. Foi o Serviço Público de Saúde que deu a ordem e eles se guem à risca.

Mas os partos, que antigamente eram todos feitos ali mesmo,

do bem no meio da casa onde mora e todos em volta, cantam. Ficam tristes de perder uma companhia, mas se alegrem-se porque o morto pode ter a chance de encontrar felicidade no céu. Mas o deprimido da história é o cortejo fúnebre. Trinta africanos vão juntos até Salto de Pirapora, revezando-se para carregar o defunto nas costas e enterrar no cemitério da cidade. Nesse cortejo, andam duas horas.

Mas é muito difícil morrer de doença lá no Cafundó. Geralmente é de velhice, mas houve também uma brigada de família onde os parentes se mataram. E quando morre um africano deles, já é tradição: o corpo é coloca-

ALMEIDA, Eloisa de. Os negros do Cafundó. Jornal de Hoje, Campinas, 20 jul. 1981.

